

ANTONIO VICENTE NO CEARÁ^(*)

José Calasans

NOME E APELIDOS

Na pia batismal, a 22 de maio de 1830, recebeu o nome de Antonio. Um dos seus biógrafos, Nertan Macedo¹, aventou que se tratava de um gesto de devoção a Santo Antonio, padroeiro da Freguesia de Santo Antonio de Quixeramobim, no Ceará Grande, terra natal da criança. Uma hipótese. Convém lembrar, contudo, que o avô paterno do recém-nascido, segundo informa Pedro Wilson Mendes, se chamava Antonio Maciel, uma das primeiras vítimas da sangrenta luta entre os Maciéis e os Araújo², de que falaremos adiante.

Ao prenome cristão, ajuntou-se o nome civil do genitor, Vicente Mendes Maciel. Ficou, assim, Antonio Vicente Mendes Maciel, como aparece em todos os papéis que trazem sua assinatura, inclusive nos livros que deixou manuscritos. Menino, no torrão berço, segundo o depoimento de um contemporâneo ilustre, o jornalista João Brígido dos Santos, era conhecido por Antonio Vicente³. Homem feito, chamavam-no Antonio Maciel ou, simplesmente, Maciel⁴.

Depois, à proporção que ia ganhando prestígio no seio dos sertanejos, conquistou um rol de apelidos. Antonio dos Mares, Santo Antonio Aparecido, Divino Antonio, Santo Conselheiro, Bom Jesus Conselheiro, Bom Jesus.

(*) Este trabalho foi originalmente publicado na "Revista da Academia de Letras da Bahia", n. 37, março de 1991.

1 MACEDO, Nertan. *Antonio Conselheiro*. Rio de Janeiro, Editores Renes, 1978. p. 30.

2 MENDES, Pedro Wilson. *O Povo*, Fortaleza, 12.07.48.

3 BRÍGIDO João. *Ceará - Homens e fatos*. Rio de Janeiro: Tip. Renard, 1919. p. 275.

4 BENÍCIO, Manuel. *O Rei dos Jagunços*. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1899. p. 59.

Historicamente, ficou sendo Antonio Conselheiro, a mais difundida de suas alcunhas⁵. Nenhum outro dos messias conseguiu tantos cognomes.

A todos dava o tratamento de irmão. Os irmãos, em sua presença, teriam de chamá-lo, respeitosamente, Meu Pai. Saudava-os com o clássico "Louvado seja Nosso Senhor Jesus", correspondido pelo "Tão Bom Senhor para sempre seja louvado"⁶.

NASCIMENTO

Discutiu-se o ano do seu nascimento, vagamente, sem nenhuma base convincente: 1828, 1831, 1835. O pesquisador Ismael Pordeus, cearense, resolveu a questão, apresentando documento idôneo - sua certidão de batismo⁷. O párvulo Antonio, pardo, filho ilegítimo, nasceu na Vila de Quixeramobim, a 13 de março de 1830. Sua mãe, Maria Joaquina, também Maria Joaquina de Jesus e Maria Joaquina do Nascimento, nos anos de 31 e 33 deu à luz duas filhas, respectivamente Maria e Francisca. No registro da última, consta ser filha de Vicente Mendes Maciel e Maria Joaquina.

Viviam maritalmente, Vicente e Maria Joaquina. Casaram-se, perante o vigário Frutuoso Dias Ribeiro, a 31 de agosto de 1834, "in articulo mortis". Teria falecido logo depois a mãe de Antonio Vicente. Na forma legal, os filhos foram legitimados por consequente matrimônio. Vicente Mendes Maciel que era bastardo, filho de Maria Manuela do Sacramento, segundo os assentos religiosos, dava legitimidade aos três filhos do primeiro casamento: Antonio, Maria Francisca e Francisca Maria.

5 As alcunhas citadas aparecem em jornais e livros diversos.

6 MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro: "O Cruzeiro", 1964, p. 128.

7 BARROSO, Gustavo. *À margem da História do Ceará*: Imprensa Universitária do Ceará, 1962, p. 251. O documento, também encontrado por Ismael Pordeus, foi publicado em "O Nordeste". Fortaleza, 06-07-49.

Pouco tempo decorrido, a 12 de fevereiro de 1836, às oito horas da noite, na igreja matriz da Freguesia, Vicente Maciel contraiu novas núpcias, unindo-se a Francisca Maria da Conceição, também Francisca Maria das Chagas, filha legítima de Inocêncio Alves Freire e Joana Maria da Conceição, ambos já falecidos à época do enlace.

OS PADRINHOS DE ANTONIO

Vicente Mendes Maciel, pequeno negociante estabelecido na Rua Santo Antonio, com loja, numa casa de cinco portas de frente e uma de oitão, convidou para padrinhos do primogênito pessoas de importância na localidade. Gonçalo Nunes Leitão, proprietário, homem de influência, e Maria Francisca de Paula, de importante família da região. Ambos, padrinho e madrinha, alguns anos decorridos, estiveram envolvidos em crimes de morte que abalaram Quixeramobim. O poderoso Gonçalo Nunes Leitão, pela proteção dispensada a Joaquina Maria da Conceição, que mandara assassinar o esposo, José de Azevedo, Zé da Fama, português, morador na Serra do Estévão. A mandante tinha um caso de amor com o escravo Francisco, apelidado Fuisset, que praticou o homicídio e foi condenado à morte e enforcado a 30 de março de 1837, no Alto do Rosário, em Quixeramobim. Joaquina Maria da Conceição, julgada e condenada, algum tempo contou com a ajuda de Gonçalo Leitão “à cuja sombra viveu longos anos, sendo incerto o destino que veio depois a ter”⁸.

Por outro lado, a madrinha, Maria Francisca de Paula, também Marica Lessa e Marica Abreu, casada com Domingos Vítor do Abreu e Vasconcelos, de quem vivia separada, mandou o escravo Corumbá praticar o assassinio do esposo, ocorrido a 20 de setembro de 1833. Marica Lessa andava de amores com um sobrinho de Domingos Vítor. Provada sua culpa e condenada, cumpriu pena na

⁸ MACEDO, Nertan. *Op. cit.*, p. 35-37.

cadeia de Fortaleza. No fim da vida, posta em liberdade, ficou dormindo no antigo local da prisão, andando de dia, alvo da chacota da meninada, pelas ruas da cidade, maltrapilha, esmolando. Gustavo Barroso conheceu Marica Lessa nessa deplorável situação⁹. Tomou-se personagem de romance regional. Está em *D. Guidinha do Poço*, uma das melhores obras de ficção cearense, de autoria de Manuel de Oliveira Paiva, que lhe reconstituiu a vida malfadada.

Que influências teriam exercido sobre Antonio Vicente Mendes Maciel os dois episódios que entraram para a história do crime na Vila de Santo Antonio de Quixeramobim?

AS LUTAS DE FAMÍLIA

Nos anos de 30 do século passado, os Maciéis de Quixeramobim participaram duma desigual luta de vida e morte contra as famílias Araújo e Veras, gentes ricas, poderosas, autoritárias. Tipo de contenda sangrenta muito frequente nos sertões brasileiros, onde as famílias se engalfinhavam com ódio, espírito de vingança, métodos violentos. Os Araújo eram proprietários de terras; os Maciéis praticavam a vaqueirice. Situação social bem distanciada. Os primeiros acusaram os outros de roubo de gado, que se sentiram ofendidos e juraram desforra. Temendo uma reação, os Araújo resolveram, reunindo parentes e apaniguados, submeter os Maciéis pela força. A primeira tentativa ficou frustrada diante da ação dos agredidos. Na segunda investida, usando mais gente aguerrida, com tramóias e traições, renderam-se os Maciéis, também chamados Carlos, sob a promessa de que seriam levados a Sobral e lá julgados pela Justiça. Tal não sucedeu. No meio da estrada, sob o pretexto de uma ação dos amigos dos presos, tentando libertá-los, foram trucidados. Morreram quase todos, a começar pelos mais velhos do grupo, Antonio Maciel e Manuel Carlos

9 BARROSO, Gustavo. *Op.cit.*, p. 357.

Maciel¹⁰. O advogado, Pedro Wilson Mendes, gente da família, afirma que o pai de Vicente Mendes Maciel era Antonio Maciel e não Miguel Carlos, como se vinha dizendo¹¹. Manuel era genitor de Miguel Carlos Maciel e de Helena Maciel, responsáveis pela continuação da luta sem tréguas contra os Araújo. Miguel Carlos, de coragem incomum, vingativo, continuou a combater seus inimigos, matando alguns deles, até que terminou perdendo a vida, corajosamente, num ataque dos poderosos contendores. Miguel Carlos, embora não morasse na vila, aí aparecia constantemente, constando que algumas pessoas o protegiam. No desenrolar do conflito, um aliado da família humilde, Estácio José da Gama, matou, de tocaia, Luciano Domingues de Araújo, quando este se dirigia para a propriedade da família da noiva, onde ia convolar núpcias. Descoberta a autoria do crime, Estácio foi condenado à morte, tendo a sentença sido executada, sem o mínimo cumprimento da legislação em vigor. Fuzilaram-no no dia seguinte ao da condenação. Um parente dos Araújo era o juiz leigo, que proferiu a sentença e fê-la cumprir sem dar tempo ao recurso legal. E nada sofreu¹². Tudo isto em 1834, quando Antonio Vicente tinha, então, quatro anos de idade.

Os escritores que versaram sobre o caso Araújo-Maciéis, Manuel Ximenes e João Brígido dos Santos, bem assim os pesquisadores mais recentes, Hugo Vítor, Pedro Wilson Mendes, Ismael Pordeus, Abelardo Montenegro, Nertan Macedo, Gustavo Barroso, que tantos subsídios trouxeram para esclarecimentos da fase em tela, nada adiantaram a respeito do papel de Vicente Mendes Maciel neste complicado processo de guerra de famílias. Parece que esteve alheio aos acontecimentos.

QUEM ERA VICENTE MENDES MACIEL

10 MACEDO, Nertan. *Op.cit.*, p. 71 e segs.

11 MENDES, Pedro Wilson. *O Povo*, Fortaleza, 31.07:48.

12 MACEDO, Nertan. *Op. cit.*, p. 79.

Conhecemos pouco da vida de Maria Joaquina de Jesus, ou Maria Joaquina do Nascimento, parda, filha legítima de Feliciano Maria Francisca.

Segundo Manuel Benício, teria apelido de Maria Chana. Faleceu em 1834, deixando três filhos: um varão e duas moças. Francisca, casada com Lourenço Correia Lima, teve descendentes, que estavam vivos em 1895, quando o tio Antonio Vicente dominava em Canudos. Foram eles: Maria, casada com João Barbosa Lima, residente em Casinhas, perto da Vila; Vicente e João, solteiros, moradores no lugar Perdição, perto de Casinhas; e Amâncio Maciel de Lima, no Amazonas, local ignorado. São notas de Manuel Benício, fornecidas por João Brígido dos Santos¹³.

João Brígido, jornalista, cronista, político, conheceu Vicente Mendes Maciel e seu filho Antonio Vicente, de quem foi colega de estudos e companheiro de brincadeiras. Tinham quase a mesma idade. Brígido, natural de S. João da Barra, Vila do Espírito Santo, depois cidade do Estado do Rio de Janeiro, veio com o pai, Inácio Brígido dos Santos, residir no Ceará, passando em Quixeramobim parte de sua meninice¹⁴. Nasceu em 1829; Antonio Maciel, em 1830.

O jornalista traçou o perfil de Vicente Mendes Maciel: - "Era um homem bonito, a tez ligeiramente morena, vigoroso, desconfiado, mas retraído, taciturno, mau, perigosamente desconfiado, bem que muito cortês, obsequioso e honrado. Tinha momentos de cólera, principalmente se tocava em álcool. Era de uma valentia indômita e meio surdo. Os avós tinham sido vaqueiros. Em um dos seus momentos de fúria, deu tantas facadas na mulher, que ela esteve sacramentada. Abandonando o uso das bebidas, relacionou-se com a vítima, comerciou e chegou a fazer uma fortuna sofrível, edificando algumas boas casas na praça que chamam, em Quixeramobim, Cotovelo. Nos últimos tempos, desmandou-se

13 BENÍCIO, Manuel. *Op. cit.*, p. 41.

14 BLAKE, Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. s. 1.: Conselho Federal de Cultura, 1970. v. 3, p. 570.

e parece ter morrido arruinado. Era vítima de uma demência intermitente. Voltava sempre. Não sabia ler, mas contava admiravelmente de oitiva. Quando se dirigia ao Aracati para fazer compras, fixava previamente a soma delas e assim que, apartando fazendas, atingia a sua meta, dizia aos caixeiros: basta. Sem discrepar num real, havia apartado a soma que fixara¹⁵.

Do seu segundo matrimônio, em 1836, houve duas filhas – Dorotéia e Rufina Francisca Maciel, que desposou Marcos Antonio de Almeida. Dorotéia morreu antes do pai. Não encontramos notícias de descendentes de Rufina, que era menor em 1855, por ocasião do falecimento de Vicente, no dia 5 de abril, sepultado na Capela do Bonfim, onde também ficariam os restos mortais da segunda esposa, desaparecida a 19 de março de 1856, aos 39 anos de idade. Ela sofria das faculdades mentais desde algum tempo, conforme declarou Antonio Vicente, no processo de inventário do genitor.

João Brígido, registrando comentários ouvidos em Quixeramobim, comenta o gênio ruim de Francisca Maria das Chagas, madrastra que tratava mal os enteados. Antonio Conselheiro, que falava pouco a seu próprio respeito, desabafou, certa feita, em Canudos, conforme Honório Vilanova; "Como posso ter assassinado minha mãe se fui maltratado por minha madrastra?"¹⁶.

OS ESTUDOS DE ANTONIO VICENTE

Vicente Mendes Maciel procurou dar ao filho uma instrução de melhor nível do que geralmente recebiam os meninos da época. Não fez, apenas, os estudos de ler, escrever e contar. Freqüentou aulas de latim, ministradas pelo professor Manuel Antonio Ferreira Nobre, na Vila de Quixeramobim. Um neto do citado mestre Sr. José Vítor Ferreira Nobre, fez tal declaração, pela imprensa de

15 BRÍGIDO, João. *Op. cit.*, p. 274. Brígido não informa se a primeira ou segunda mulher teria sido esfaqueada. Nertan, porém, indica a primeira.

16 MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. *Op. cit.*, p.70.

Fortaleza, em Outubro de 1949, afirmando também que o famoso polemista João Brígido dos Santos fora colega do futuro Bom Jesus Conselheiro. O professor Ferreira Nobre ensinava ainda Francês e Português, mas não há notícia positiva de que o filho de Vicente Maciel houvesse também estudado a língua de Voltaire. No sertão, quando o Santo Conselheiro dava seus conselhos, as populações ficavam impressionadas com o seu saber, escreveu o jornalista Inácio Raposo, pelo latim que citava constantemente¹⁷. De fato, nos seus livros manuscritos, os trechos latinos, colhidos na Bíblia bilíngue que usava, são fartamente referidos. Caldas Brito, tendo ensejo de ouvi-lo em Inhambupe, Bahia, disse que Antonio Conselheiro, conhecedor da Bíblia, "soltava verdadeiras silabadas na língua de Horácio".

João Brígido, em suas memórias, recordando a meninice em Quixeramobim, contou: "Meio anfíbio, nadador afoito e jogador de cambaré, eu vivia nos rios e nos poços. Nessas vadiações salvei da morte quatro companheiros, o atual escrivão, capitão Antero, José Raimundo Peçanha Filho, meu irmão Guilherme e Antonio Conselheiro. Este salvou-se ao meu pescoço, apanhado comigo, por uma tarrafa, num poço estreito profundo"¹⁸.

O INSUCESO DO COMERCIANTE

Antonio Vicente não realizou o sonho, que parece haver sido do seu genitor, do sacerdócio católico. São ignorados os motivos do desejo paterno, se é que, em verdade, tivesse havido tal projeto de vida. Terminou sendo caixeiro da loja, onde veio encontrá-lo a morte de Vicente Mendes Maciel, em 1855. O jovem já completara 25 anos e desfrutava de bom conceito no comércio e na sociedade, de um modo geral.

17 Encontramos o artigo de Inácio Raposo num livro de recortes de jornais, no arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, sem referência ao nome da gazeta, nem a data de sua publicação.

18 MACEDO, Nertan. *Antonio Conselheiro*. Op. cit., p. 96. O capitão Antero chamava-se Antero Aprígio de Albuquerque Lima.

Em virtude da incapacidade legal da madrasta, sofrendo das faculdades mentais, ficou Antonio Maciel com a responsabilidade do inventário. Havia compromissos a saldar. O negócio, certamente em virtude do estado de demência do falecido, não ia bem. A vila era pequena, comércio fraco, num ambiente agitado pelos crimes de horrorizar, já aqui lembrados. As perspectivas do novel comerciante eram bem pequenas.

Substituiu na loja o pai, que morreu aos 48 anos, de quem herdou a importância de 223\$934. Ficou com as mercadorias da pequena casa comercial, no valor de 2:963\$750, responsabilizando-se pessoalmente pelo seu pagamento. Hipotecou a casa da rua de Santo Antonio ao negociante Manuel Francisco da Cunha, principal credor, pela quantia de dois contos de réis, a 3 de junho de 1856. Deu letras de garantia, que venceriam dentro de um, dois, três, quatro anos. Não alcançou vencer os compromissos. A casa, com armação de loja e balcão, foi vendida ao coronel Antonio Rodrigues da Silva e Souza, a 3 de setembro de 1857, por dois contos, duzentos e vinte e três mil réis¹⁹.

Era o malogro completo. Mudou de terra.

CASAMENTO

Casou-se naquele mesmo ano, a 7 de janeiro, na igreja matriz de Santo Antonio de Quixeramobim, com Brasilina Laurentina de Lima, filha natural de Francisca Pereira da Silva. Não sabia ler, como a grande maioria das mulheres de então. Alguns anos mais moça do que o esposo, de quem era parente, tanto assim que a autoridade eclesiástica dispensou o impedimento do 2º grau relativo ao 3º. O casamento foi celebrado perante o vigário interino Jacinto de Menezes²⁰.

19 MONTENEGRO, Abelardo. *Antonio Conselheiro*. Fortaleza, 1954, p. 12.

20 BENÍCIO, Manuel. *Op. cit.*, p. 12.

AQUI, ALI E ACOLÁ

Saindo do comércio, abandonou a terra natal. Iniciou uma longa caminhada pelos sertões cearenses. Teria passado pela Serra dos Cocos. Deslocou-se para a Fazenda Tigre, onde abriu uma escola de ler, escrever e contar. Há notícias de dois dos seus alunos: "Belo Flor, admirável repentista e Francisco Cordeiro Pinto, ligado à família do proprietário da fazenda"²¹. A escola foi tão efêmera quanto a loja. Transferiu-se para Tamboril. Não encontrou emprego. O tenente-coronel Joaquim de Castro, prestimoso cidadão, deu-lhe uma carta para o major Domingos Carlos de Sabóia, de Campo Grande, em cuja casa de negócio trabalhou algum tempo. A loja de Sabóia fechou. Novamente desempregado, aproveitou os conhecimentos que possuía para laborar no foro. Fez-se advogado dos pobres, com a proteção do compadre João Mendonça Justos, que ali exercia a advocacia e, conforme registra Manuel Benício, escreveu uma biografia do protegido²². Em Campo Grande, a mulher teria tido dois rebentos, cujos nomes e destinos são desconhecidos.

Mudou-se outra vez. O compadre Mendonça forneceu-lhe a condução para tomar o rumo de Ipu. Continuou advogado dos pobres. Euclides da Cunha enfatizou: "De repente, surge-lhe revés violento. O plano inclinado daquela vida em declínio termina, de golpe, em queda formidável. Fugia-lhe a mulher, em Ipu, raptada por um policial. Foi o desfecho. Fulminado de vergonha, o infeliz procura refúgio nos sertões, paragens desconhecidas onde lhe não sabiam o nome, o abrigo da absoluta obscuridade"²³.

21 VÍTOR, Hugo. *Um Homem Desfigurado Pelas Versões Contraditórias*. O Povo, Fortaleza, 26.04.48. Pedro Wilson Mendes completa as informações.

22 BENÍCIO, Manuel. *Op.cit.*, p,38. Não encontramos qualquer indicio da obra mencionada.

23 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição Crítica. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 215. O amante de Brasilina era João da Mata, sargento, comandante do destacamento.

O caso floresceu num mundo de versões. Segundo uma delas, armado de clavinote, Antonio Vicente flagrou o adultério e, sem nenhuma reação, abandonou o lar. Não houve fuga da esposa com o amante e sim o abandono da mulher pelo marido traído. A verdade não ficou esclarecida e quando Antonio Vicente se tomou Antonio Conselheiro, o lendário dominou o triste episódio.

Prosseguiu cumprindo o seu destino de caminhante desafortunado. Fez-se, de novo, professor primário na fazenda Santo Amaro, em Tamboril, acolhido pelo major José Gonçalves Veras, de família rival dos Maciéis no período das Regências. Vai para Santa Quitéria, onde passa dois anos amasiado com a santeira Joana, de apelido Imaginária. Com ela houve um filho, Joaquim Aprígio.

Voltou a Campo Grande, passou por Crato, retomou a Quixeramobim, ficando em Paus d'Arcos, na casa de sua irmã Francisca, casada com Lourenço Correia Lima, a quem tenta matar num acesso de ira. Tudo isso, anotado desde Manuel Benício, está estribado no disse-me-disse dos antigos. Andou certo tempo acompanhando os padres que pregavam missões no interior cearense. Praticava para se tornar um singular missionário, de indiscutível aceitação popular. Notícias, notícias.

De positivo, em meio a tantas novidades de uma existência angustiada, sua presença na Várzea da Pedra, sete léguas distante de Quixeramobim, em 1871. Estava vivendo de vaqueirice e contraiu nova dívida, que não teve condições de quitar. Seu credor, José Nogueira do Amaral Garcia, a quem estava devendo 168\$068, propôs contra ele uma ação decendiária e seus bens foram penhorados. Duas éguas novas castanhas, dois potros de muda, um castanho e uma potrinha carda, um potrinho cardão, um novilhote azul, um bezerro liso, um

relógio de prata desconcertado, com uma corrente de ouro, um colete de fustão, um chapéu de pelo usado, um paletó de pano preto também usado²⁴.

É sua derradeira aparição como Antonio Vicente Mendes Maciel. Em 1873, mais ou menos, já é um beato, quando encontra no lugar Urucu, em Assaré, os irmãos Antonio e Honório Assunção que, alguns anos depois, já conhecidos por Vilanovas, vão viver ao seu lado, ao lado de um Conselheiro, em Canudos, nos sertões da Bahia²⁵. Era forte como um touro, vestia uma batina, trazia um chapéu de palha. Esmolava para os pobres e anunciava que iria construir vinte e cinco igrejas. No seu resto de vida, tudo praticou para realizar o objetivo anunciado. É o que contou Honório Vilanova²⁶.

24 SOUZA, Eusébio. "Antonio Conselheiro em juízo". *Rev. Trimestral do Instituto do Ceará*. Tomo XXVI, p. 291.

25 MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*, p. 37.

26 MACEDO, Nertan. *Idem, ibidem*.